

# Crematórios se multiplicam pelo Brasil

Ricardo Westin

A FAMÍLIA RESPEITOU o desejo de Jorge Amado. Logo após sua morte, em 2001, o corpo do escritor foi cremado e as cinzas foram espalhadas no arborizado jardim de sua casa, em Salvador, à sombra de uma mangueira. Sete anos mais tarde, o mesmo destino teriam os restos mortais de sua mulher, a escritora Zélia Gattai.

Aos poucos, o cemitério deixa de ser o único destino dos mortos no Brasil. Até meados dos anos 90, o país contava com um único crematório — o Crematório da Vila Alpina, em São Paulo. Hoje, já se contam 32, em todas as regiões. Outros 12 crematórios deverão ficar prontos nos próximos meses.

Nunca se havia ouvido falar de tantas personalidades cremadas no país — o banqueiro Olavo Setúbal (em 2008), o dramaturgo Augusto Boal (2009), o ex-vice-presidente José Alinecar (2011), o ex-presidente e senador Itamar Franco (2011) e os atores Marcos Paulo (2012) e Walmor Chagas (2013).

## Cinzas

A cremação é uma versão acelerada da decomposição natural. O procedimento se faz em imensos e potentes fornos a gás. A temperatura excede os 1.000 graus Celsius. O calor reduz o corpo a pó em apenas duas horas — em vez de anos, como ocorre com o cadáver enterrado na terra.

Dentro do caixão, o corpo é introduzido na câmara quente. O que resta do processo não são propriamente cinzas. Trata-se de algo que mais se assemelha a grãos grossos de areia. Ossos mais resistentes, como a rótula (o osso do joelho), saem quase inteiros do forno, ligeiramente quebradiços, e precisam ser triturados. A família recebe uma urna com algo em torno de 1,5 quilo de “cinzas”.

Há uma série de razões para que os brasileiros aos poucos optem pela cremação, e não pelo tradicional enterro no cemitério. Uma delas é de ordem financeira. A cremação custa a partir de R\$ 300. Pode chegar a R\$ 12 mil, a depender da qualidade do caixão e da urna. A maior parte dos crematórios do país é privada. Na cidade de São Paulo, onde o serviço é administrado pela prefeitura, o procedimento é gratuito para as famílias mais pobres. O sepultamento exige desembolsos consideráveis.



O corpo do ex-presidente e senador Itamar Franco é levado, com honras, para um crematório na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em 2011

Primeiro, as famílias precisam comprar um jazigo. Em cemitérios particulares de São Paulo, um túmulo chega a custar R\$ 30 mil. Depois, as famílias têm de pagar taxas anuais ao cemitério e cuidar da manutenção do jazigo.

Questões religiosas também ajudam a explicar o crescimento das cremações. Até 50 anos atrás, a Igreja Católica — predominante no Brasil — não dava autorização para a cremação. A situação mudou no início dos anos 60, quando o Concílio Vaticano II anunciou que os fiéis não precisariam mais seguir à risca a oração conhecida como Credo, que diz: “creio (...) na ressurreição da carne”. Para os católicos contemporâneos, o que resuscita é a alma, e não o corpo.

Entre as principais religiões, o islamismo e o judaísmo não permitem a cremação. O espiritismo apenas pede que se aguardem de dois a três dias — há espíritos que precisam desse tempo para desencarnar. No hinduísmo e no budismo, predominantes em boa parte da Ásia, a cremação é um ritual obrigatório para que a alma se liberte do corpo.

## Luto fechado

A dispersão de cinzas não oferece o risco de contaminar o lençol freático, como ocorre com o sepultamento de cadáveres. Na cremação, os gases são tratados de modo a não poluir o ar. Outro aspecto que conta a favor da cremação é o fato de não ocupar novos terrenos — em algumas capitais, já há cemitérios lotados.

A disseminação dos crematórios é mais um passo numa mudança de comportamento social iniciada décadas atrás. Antes algo público, a morte hoje é cada vez mais privada, quase imperceptível para quem vê de fora. Já não se morre em casa, rodeado de familiares e amigos, mas sim

no isolamento do hospital. Os velórios deixam de ser feitos em casa, levados para o cemitério ou a capela do hospital — muitas vezes, simplesmente não se faz velório. Os próprios túmulos ficam discretos, sem capelas e estátuas sacras em tamanho real. Por fim, ninguém mais é compelido a cumprir aqueles velhos rituais do luto fechado e do meio-luto.

— Hoje nós nos comportamos como se ignorássemos a morte, como se quiséssemos afastá-la de nós. Parece que significa fracasso. Com a cremação, isso muda. Ao escolher entre o sepultamento e a cremação, a pessoa está pensando na morte, está encarando a morte. O mesmo vale para os familiares quando se veem envolvidos na discussão. É uma mudança de comportamento importante. A morte deixa de ser um tabu — explica Maria Helena Franco, psicóloga e coordenadora do Laboratório de Estudos sobre o Luto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

## Lei superficial

Apesar do crescimento dos últimos anos, a cremação tem um longo caminho a percorrer no Brasil. Hoje, 98,5% dos mortos são sepultados e só 1,5% é cremado. Como comparação, os EUA cremam 37%. O Japão, nada menos que 99,9%.

— A cremação, por si, só ainda não é um negócio lucrativo no Brasil. É por isso que os crematórios sempre fazem parte de um cemitério. A tendência é mudar. Antes, os fornos precisavam ser impor-

tados. Hoje, já há fabricantes nacionais — diz Haroldo Felício, presidente do Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil.

No aspecto legal, a cremação é abordada de forma breve e superficial numa lei dos anos 70, época em que se inaugurava o primeiro crematório, em São Paulo. Os brasileiros nem sequer entendiam exatamente do que se tratava. No Senado, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) estuda um projeto de lei de Sérgio Souza (PMDB-PR), o PLS 474/2011, que cria regras mais claras e detalhadas para a cremação. A proposta diz, por exemplo, que as cinzas não podem ser espalhadas em locais com grande concentração de pessoas e que, para transportá-las, os familiares precisam portar uma autorização das autoridades sanitárias. O senador explica: — Ao longo destes 40 anos, o Brasil mudou dramaticamente, incluindo os rituais fúnebres. Nós, no Congresso Nacional, precisamos atualizar as leis e acompanhar a evolução da sociedade e dos costumes.

## Saiba mais

Respostas para as principais dúvidas sobre a cremação  
<http://bit.ly/duvidasCremacao>

Onde estão os crematórios do Brasil  
<http://bit.ly/crematórios>

Vea as edições anteriores do Especial Cidadania em [www.senado.leg.br/jornal](http://www.senado.leg.br/jornal)

Até meados dos anos 90, o país tinha um único crematório. Hoje, já conta com 32 e ganhará mais uma dezena nos próximos meses. Fatores financeiros, culturais e até ambientais explicam tendência

# Sepultura já não é local de unidade familiar, diz antropólogo

De acordo com o antropólogo José Carlos Rodrigues, o Brasil de hoje repete um fenômeno que já havia ocorrido na Europa em relação à cremação. Uma das mudanças foi o crescimento do individualismo.

— A ideia de uma sepultura coletiva, familiar, foi ficando cada vez menos atraente, menos positiva. Os indivíduos passaram a querer ser enterrados nos destinos que eles escolheram, nos lugares em que eles moram, nos lugares que eles adotaram afetivamente. O sepultamento foi até mesmo perdendo um pouco de importância — explica.

Rodrigues é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e autor do livro *Tabu da Morte* (Editora Fiocruz).

## Por que a cremação vem crescendo?

Na Europa da Idade Média, a cremação era inadmíssível para um cristão. Ele

acreditava na ressurreição da carne e imaginava que a cremação inviabilizaria isso. As sepulturas, naquela época, ficavam na área das igrejas e eram coletivas.

A cremação também era vista como uma prática de povos bárbaros, pagãos. Além disso, queimar alguém era uma punição para a blasfêmia, a heresia.

No Ocidente, a cremação teve um papel marginal praticamente até a Reforma Protestante. Os protestantes introduziram uma nova visão da morte e da vida eterna, e essa ideia de ressurreição da carne foi desaparecendo. Mesmo no catolicismo, ela foi gradualmente perdendo força. No final, a cultura ocidental passou a ver que o corpo se decompõe e que só o espírito é eterno. Há uma frase célebre de Descartes: o corpo é o que sobra da vida de um espírito.

Houve outros acontecimentos. Com o advento do capitalismo e do individualismo, começaram

a aparecer cada vez mais sepulturas individuais e familiares. Durante muito tempo no Ocidente, a sepultura foi uma espécie de altar de um culto familiar. Os sobreviventes se remetiam à sepultura para lembrar seus mortos e praticar um rito de unidade familiar. Mas a história demográfica do Ocidente fez com que essas famílias ficassem menores e seus integrantes ficassem cada vez mais distantes. As pessoas foram se dispersando. Assim, as sepulturas perderam bastante esse símbolo de local de unidade familiar. As pessoas foram ficando cada vez mais individualistas. Nessa direção, a ideia de uma sepultura coletiva, familiar, foi ficando cada vez menos atraente, menos positiva. Os indivíduos passaram a querer ser enterrados nos destinos que eles escolheram, nos lugares que eles adotaram afetivamente. O sepultamento foi até mesmo perdendo um pouco de importância.

Além disso, com o crescimento das cidades, ficou difícil conseguir uma sepultura que estivesse ao alcance econômico das famílias. A cremação cada vez mais foi se dando como uma alternativa viável ao sepultamento.

## E no Brasil?

Esse processo que durou mil anos na Europa, da Idade Média ao capitalismo, vem acontecendo nos últimos 70, 50 anos no Brasil. Tanto é que a cremação já se mostra como uma questão normal, admissível no cotidiano brasileiro. Os crematórios estão crescendo muito.

O individualismo no Brasil também tem progredido. Religiões protestantes ficaram muito mais fortes do que eram há 50, 70 anos.

Nas grandes cidades, os cemitérios também ficaram mais complicados.

## A tendência, em sua opinião, é que as cremações cresçam ainda mais no Brasil?

Se nós compararmos o Brasil com a Inglaterra, a Suécia ou a Dinamarca, a cremação ainda é quase inexpressiva em termos proporcionais. Nesses países, há muito tempo a cremação já passou dos 50%. Nos anos 70, 50% dos procedimentos funerários na Inglaterra já eram por cremação. Hoje já beiram os 80%.

Mas precisamos considerar que nos países europeus houve uma intensa imigração asiática, de indianos e paquistaneses, de budistas etc., que veem a cremação com bons olhos.

A cremação no Oriente não tem o caráter expeditivo que tem no Ocidente. No

Pelo mundo	
A seguir, o número de crematórios em alguns países	
USA	2.113
Tailândia	2.077
China	1.692
Japão	1.548
Reino Unido	253
Espanha	132
Argentina	83
México	70
Suécia	66
Itália	54
<b>BRASIL</b>	<b>32</b>
Portugal	4

Fontes: Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (Sincep) e Sociedade de Cremação do Grã-Bretanha

Ocidente, um dos componentes da cremação é ser uma solução rápida, enquanto no Oriente, a cremação é um procedimento lento, demorado e com várias etapas. No Oriente, a cremação não tem esse sentido de uma solução rápida e urgente.

## O Brasil vai chegar a ter índices europeus de cremação?

É certo que a cremação vai ter uma importância muito maior do que tem hoje, mas não diviso que no médio prazo o Brasil terá tantas cremações quanto na Europa.

## Os números da cidade de São Paulo

O Crematório da Vila Alpina, em São Paulo, é o maior e mais antigo do Brasil. Em apenas seis anos, o número de cremações de corpos no local cresceu 70%



Fonte: Serviço Funerário de São Paulo

# Cinza pode ser colocada em anel ou transformada em diamante

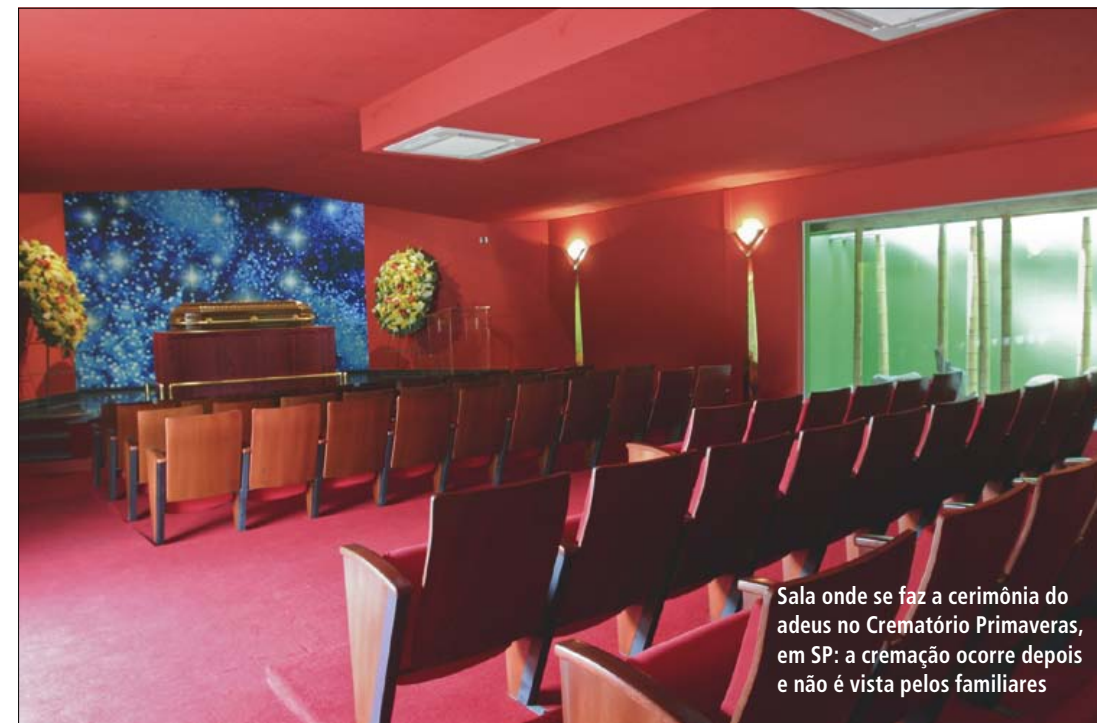
São incontáveis os destinos que se podem dar às cinzas resultantes da cremação. Elas podem ser lançadas (ou aspergidas, como se diz no jargão funerário) num local que era especial para o falecido — em alto-mar ou num parque, por exemplo.

Podem ser guardadas dentro de um enfeite de mesa que ficará em casa. Podem, em pequenas quantidades, ser inseridas em anéis ou medalhas que serão distribuídas entre os parentes.

Para as famílias que sentem necessidade da referência física, as cinzas podem ser plantadas na terra com uma muda de árvore. Também podem ser enterradas num jazigo de cemitério.

## Trilha sonora

Para as famílias mais extravagantes, há crematórios no Paraná e em Santa Catarina que oferecem transformar as



Sala onde se faz a cerimônia de adeus no Crematório Primavera, em SP: a cremação ocorre depois e não é vista pelos familiares

cinzas humanas em diamantes — o serviço é executado por uma empresa da Suíça — ou enviá-las para o espaço dentro de um satélite americano. Cada um dos serviços sai por mais de R\$ 15 mil.

Antes da cremação propriamente dita, as famílias podem realizar o velório e, no crematório, uma cerimônia de despedida. Essa cerimônia costuma ser conduzida por religiosos ou pelos próprios

familiares. Os crematórios normalmente disponibilizam música para a despedida. Entre as mais tocadas, estão *My Heart Will Go On*, do filme *Titanic*, e *Unchained Melody*, tema principal de *Ghost* — do

outro lado da vida. Terminada a cerimônia, na capela ecumênica da maioria dos crematórios, o caixão desce para o subsolo (onde fica o forno), numa espécie de elevador, num movimento que lembra o do sepultamento.

— A família não vê o forno e não assiste à cremação. Nem sequer fica sabendo o momento exato em que ocorrerá. Damos um prazo de sete dias para entregar as cinzas. Fazemos isso para que a família não fique com aquele pensamento que pode ser angustiante: “Meu ente querido está sendo queimado agora”. Um único corpo é cremado por vez. Não existe cremação coletiva. Na hora de entregar as cinzas à família, fazemos outra cerimônia. O processo todo é muito respeitoso — explica Jayme Adissi, dono do Crematório Primavera, em Guarulhos, na Região Metropolitana de São Paulo.